

## RESUMO DO RELATÓRIO DE POLÍTICA EDUCACIONAL

# Ataques de violência extrema em escolas no Brasil

## Causas e caminhos

AUTORES: Telma Vinha (coordenação), Cléo Garcia (vice-coordenação), Cesar Augusto Amaral Nunes, Danila Di Pietro Zambianco, Simone Gomes de Melo, Talita Bueno Salati Lahr, Elvira Maria Portugal Pimentel R. Parente, Beatriz Fogarin, Vitória Hellen Holanda Oliveira.

### 1] INFORMAÇÕES INICIAIS

Os ataques de violência extrema em escolas abarcados neste estudo diferem de outras formas de violência, tratando-se de um fenômeno com características específicas: são cometidos de forma intencional no espaço escolar por estudantes ou ex-estudantes, e motivados por sentimentos de ódio e/ou vingança, são planejados e há o emprego de arma(s) com a intenção de matar. A pesquisa traça um panorama desse tipo de ataque ocorrido em escolas brasileiras, desde o primeiro registrado em 2001 até outubro de 2023. Nela são explorados os fatores envolvidos que contribuem para a ocorrência desse fenômeno e são traçadas recomendações para políticas públicas no Brasil. Acreditamos que a educação é uma ferramenta de transformação social e que as escolas devem ser locais de aprendizado, segurança e acolhimento. Prestamos solidariedade aos familiares e membros das comunidades escolares vitimados por esse tipo de violência, e esperamos que o estudo possa contribuir para melhorar a compreensão deste fenômeno e prevenir novos ataques.

### 2] RELEVÂNCIA DO TEMA PARA O DEBATE DE POLÍTICAS NACIONAIS

O ano de 2023 foi marcado por inúmeros ataques em escolas de todo o Brasil, vitimando muitas pessoas e abalando a estrutura de famílias e comunidades escolares. As evidências científicas sinalizam que esses episódios de violência extrema envolvem situações e contextos extremamente complexos, infelizmente sem uma resolução efetiva e simples no curto prazo, havendo indícios de que continuarão acontecendo. Frente a esse cenário, as escolas e os governos têm buscado elaborar políticas de enfrentamento e prevenção que contribuam para a segurança dos estudantes e dos profissionais da educação. Para isso, é fundamental conhecer melhor o fenômeno, quem são seus autores, e o que os motiva.

#### SOBRE O RELATÓRIO

##### [ Realização

D<sup>3</sup>e – Dados para um Debate Democrático na Educação

##### [ Apoio

B<sup>3</sup> Social e Fundação José Luiz Egydio Setúbal

##### [ Propósito

Trazer informações que contribuam para a compreensão desse fenômeno e traçar recomendações para políticas públicas.

##### [ Motivação

O Brasil tem assistido a um forte crescimento de ataques de violência extrema em escolas e de ameaças de novos eventos do gênero. É preciso compreender o que está acontecendo e buscar caminhos para prevenir novos ataques.

##### Data de publicação

NOVEMBRO/2023



[ACESSE o Relatório de Política Educacional](#)

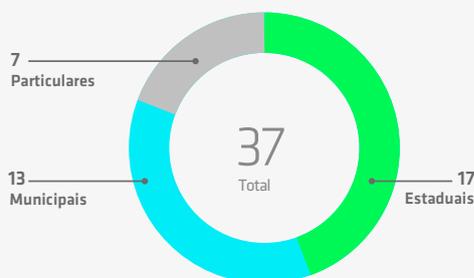
### 3] ANÁLISES REALIZADAS E PONTOS DE ATENÇÃO

O primeiro ataque registrado em uma escola no Brasil ocorreu em agosto de 2001 na Bahia. Desde então, já foram identificados 36 episódios cometidos por 39 estudantes e ex-estudantes em 37 escolas, com 40 vítimas fatais (incluindo cinco suicídios de atiradores) e 102 feridos.

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE ATAQUES POR ANO



Quantidade e tipos de escolas atacadas



#### PANORAMA GERAL DOS ATAQUES NO BRASIL

##### Escolas atingidas

Das 37 escolas atingidas, 30 eram públicas (17 estaduais e 13 municipais) e sete particulares. As etapas escolares dessas unidades atendem a Educação Infantil, o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e o Ensino Médio, havendo predominância de escolas que atuam com ensino médio e anos finais do ensino fundamental. Não encontramos relação entre os ataques e as seguintes características da escola: quantidade de estudantes, recursos humanos, infraestrutura e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Nenhuma dessas características ajudam a explicar o motivo dos ataques, o que sugere que podem acontecer em qualquer escola. Um aspecto que chama a atenção é que o nível socioeconômico familiar dos estudantes da maioria das escolas-alvo é “médio”, “médio alto” e “alto” (83,78%), o que aponta que não se trata majoritariamente de instituições que se encontram em regiões de maior vulnerabilidade social.

##### Perfil dos autores

Os 36 ataques foram cometidos por 39 jovens (em três casos, eles agiram em duplas), sendo 22 estudantes e 17 ex-estudantes – destes, sete tinham abandonado a escola. Os autores dos ataques efetivamente ocorridos eram todos do sexo masculino, em sua maioria brancos (com exceção de Realengo-RJ) e de Poços de Caldas-MG), com idade entre 10 e 25 anos, sendo que 76,92% eram menores de idade. Em geral, tinham relações interpessoais restritas e certo isolamento social. Não eram considerados “populares” e para todos a escola foi palco de sofrimento. Demonstravam gosto pela violência e culto às armas de fogo, indícios de sofrimento mental. Possuíam concepções e valores opressores, como racismo e misoginia, buscavam notoriedade e manifestavam ausência de perspectiva de futuro. A maior parte deles interagiu com comunidades virtuais mórbidas e/ou consumiam conteúdos de ódio.

## As vítimas

Nos 36 ataques, foram 40 as vítimas fatais, sendo 29 estudantes, seis profissionais das escolas e cinco atiradores (por suicídio). Nenhum autor foi morto pela polícia. Excluindo os suicídios dos autores, identificamos ao todo 137 vítimas atingidas fisicamente, sendo 102 feridas e 35 fatais. A maior parte delas era estudante. Já em relação ao sexo, entre as vítimas adultas, a maioria era do sexo feminino, devendo-se levar em conta que por volta de 80% dos profissionais das escolas brasileiras são desse sexo.

## Armas empregadas

A principal arma usada nos episódios de violência extrema foi a arma de fogo, seguida de faca (arma branca) e coquetel molotov (bomba caseira). Em 17 deles os autores levaram mais de um tipo de armamento. A disponibilidade de armas de fogo favorece esse tipo de crime e aumenta a letalidade. Elas são responsáveis pela morte e pelo ferimento da maior parte dos alvejados (73,72%). Das 35 vítimas fatais, 33 (94,28%) vieram a óbito por ataques com armas de fogo e duas pelo uso de faca.

## FATORES ENVOLVIDOS

Com uma rede globalizada e o avanço do extremismo no mundo, ataques em escolas têm ocorrido em países que nunca tinham vivido tal tipo de violência. No Brasil, o aumento expressivo e acelerado dessas ocorrências é ainda mais alarmante. Esses eventos são acontecimentos muito raros e de natureza complexa, considerando que são múltiplos fatores interligados, difíceis de identificar e estudar de forma isolada, impedindo a formulação de teorias ou modelos precisos. O estudo destaca fatores inter-relacionados que contribuem para esse expressivo aumento, trazendo de forma mais detalhada as interações com jogos e comunidades mórbidas on-line.

## FATORES GERAIS

> **Efeito contágio:** noticiar os ataques e dar detalhes sobre o autor, entrevistá-lo, divulgar fotos e vídeos das motivações e estratégias utilizadas podem estimular casos semelhantes.

> **Disseminação em redes sociais:** o compartilhamento de postagens também promove efeito semelhante.

> **Ecosistema de fomento à violência:** nos últimos anos, houve um aumento de um ambiente de ódio formado por lideranças, portais de comunicação, redes sociais com discursos conspiratórios, de conflitos e de inimigos a serem combatidos.

> **Perseguição, exposição, pressão nas escolas:** fortaleceram-se movimentos que incentivaram os alunos a denunciarem ou gravarem seus professores – eventualmente expostos nas redes sociais e ameaçados, o que criou um clima de medo e insegurança e muitas escolas passaram a evitar abordar temas atuais e questões políticas, filosóficas, sociológicas e históricas.

> **Grupos sociais:** há a influência de concepções e valores opressores de familiares e amigos (acepções como masculinidade tóxica, preconceitos, discriminações e violências). O estudo, porém, não conseguiu informações suficientes para analisar esse fator.

> **Vulnerabilidade social:** muitos dos problemas vivenciados passam por esse fator, assim como a perspectiva econômica da família. Insegurança financeira também influencia a deterioração da saúde mental.

> **Pandemia de covid-19** reduziu o convívio escolar e social por longo período e expandiu a interação em comunidades virtuais e jogos on-line. No retorno às aulas houve expressivo aumento de conflitos, violências e de condutas autodestrutivas.

> **Clima e convivência escolar** vistos somente como meio para melhoria de desempenho e não como um fim em si mesmo.

### > Interações on-line

**Jogos violentos** – estudos da Universidade de Stanford não encontraram uma relação causal entre jogos on-line e violência e apontam para a hipótese de que os jogos podem funcionar como um mecanismo de escape, na qual pessoas com tendências violentas se satisfazem em um mundo virtual, não concretizando atos no mundo real. No entanto, a exposição a jogos muito violentos é um fator de risco para o aumento do comportamento agressivo. É preciso considerar que a cultura gamer tem muitos elementos de violência e intolerância e que os jogos e as plataformas associadas a eles estão sendo cada vez mais utilizados para propagar e disseminar ideologias extremistas para efeitos de radicalização e recrutamento.

**Comunidades mórbidas** – a interação e o acesso a conteúdos nocivos e violentos podem ser encontrados na superfície da internet por dois caminhos: pela internet aberta e pública,

em perfis de redes sociais, por exemplo, no Twitter, Instagram ou TikTok; e em espaços privados, por meio de grupos com acesso restrito, como no Telegram, Discord ou Reddit, com pouca ou nenhuma moderação, sendo acessadas por meio de links compartilhados. Um exemplo são as chamadas TCC (True Crime Community) que discutem crimes reais, inclusive os ataques em escolas. Pelo menos cinco autores de ataques em escolas brasileiras participavam de TCCs. Nessas comunidades há escuta e acolhimento, os jovens se sentem valorizados. Por meio desses espaços, milhares de jovens e crianças interagem com conteúdos de intolerância, violência, preconceitos, incentivo a comportamentos nocivos e até criminosos. A falta de regulação das plataformas digitais e das redes sociais e a ausência de responsabilização sobre o que nelas circula contribuem sensivelmente para o aumento do adoecimento mental, do extremismo e para a escalada da violência.

## 4] RECOMENDAÇÕES

As recomendações propostas neste relatório vão além da prevenção de ataques ou sua mitigação após a ocorrência, englobando dimensões que atravessam tais questões, mas não se restringem a elas.

> **Controle rigoroso** de armas de fogo e munições.

> **Aprovação de projetos de lei** que visam uma maior regulação e responsabilização das plataformas digitais.

> **Responsabilização** de quem divulga pela primeira vez vídeos dos ataques e de depoimentos/manifestos produzidos pelos autores.

> **Implementação** de um sistema de registro de ataques ocorridos e dos casos desbaratados pela polícia.

> **Fortalecimento** do trabalho contínuo de inteligência para identificar e monitorar prováveis perpetradores.

> **Formulação de legislação** que possibilite a liberação rápida de recursos específicos para a intervenção após esses episódios e que possibilite apoio financeiro para as vítimas e famílias das vítimas.

> **Construção de protocolos/guia** de orientações adequados à realidade brasileira para atuar após os ataques.

> **Apoio à implementação** do Programa Escola em Tempo Integral, pautado na perspectiva da educação integral.

> **Implementação de programas** para desradicalizar/desmobilizar jovens.

- > **Ampliação** dos espaços na comunidade para lazer e socialização, juntamente com o oferecimento de projetos/atividades artísticos, culturais e esportivos.
- > **Sopesamento\*** dos impactos negativos a médio e longo prazo do policiamento dentro das escolas e da aquisição de equipamentos de segurança.
- > **Investimento\*** na expansão e no fortalecimento da Rede de Atendimento Psicossocial e na atuação conjunta e articulada da Rede de Proteção.
- > **Promoção\*** da convivência democrática e cidadã, tanto no âmbito escolar quanto nas redes, como Política Pública integrada às demais políticas educacionais e sociais.

### POLÍTICAS DE CONVIVÊNCIA

Todos os autores dos ataques tinham a percepção negativa da escola, relatando vivências de sofrimento nesse espaço. São necessários a promoção efetiva da cultura do cuidado, o acolhimento e o fortalecimento dos valores democráticos nas instituições educativas. Para tanto, é preciso construir Políticas Públicas de Convivência Democrática e Cidadã que fomentem ações coordenadas e complementares em médio e longo prazo, requerendo recursos humanos e financeiros, condições de implantação e acompanhamento, além da ampliação e consolidação dessa área na formação contínua e de base dos profissionais de educação.

[\* Por se tratar de um fenômeno complexo e com consequências extremas, essas três recomendações relacionadas à segurança escolar, à proteção de crianças e adolescentes e à promoção da qualidade da convivência na escola foram aprofundadas no relatório.



A associação civil sem fins lucrativos **Dados para um Debate Democrático na Educação (D3e)** colabora para o aprimoramento do debate educacional brasileiro e para a qualificação do uso do conhecimento científico no desenvolvimento de políticas educacionais fundamentadas e consistentes, que promovam educação equitativa e de qualidade no Brasil.

#### **Autores do Relatório de Política Educacional**

Telma Vinha (coordenação), Cléo Garcia (vice-coordenação), Cesar Augusto Amaral Nunes, Danila Di Pietro Zambianco, Simone Gomes de Melo, Talita Bueno Salati Lahr, Elvira Maria Portugal Pimentel R. Parente, Beatriz Fogarin, Vitória Hellen Holanda Oliveira.

**Autora do Resumo** Clarissa Kowalski

**Projeto gráfico e diagramação** LABIRIN.TO